

Central das Associações Agroextrativistas de Democracia – CAAD



# Nova cartografia social da Amazônia

Comunidades Tradicionais de Democracia, Jatuarana, Pandegal, Santa Eva e Terra Preta do Ramal 464

35

História de lutas e conquistas

Manicoré AM





**Participantes da Oficina de Mapas  
no dia 11/12/2009**

#### **Coordenação do PNCSA**

Alfredo Wagner Berno de Almeida  
(NCSA/CESTU/UEA; PPGAS/UFAM)

#### **Equipe de pesquisa**

Ana Paulina Aguiar Soares  
(PNCSA/UEA-ENS/PIPT-FAPEAM)

Maria Jacilene Bentes de Oliveira  
(UEA-ENS/PIPT-FAPEAM)

#### **Edição**

Ana Paulina Aguiar Soares (Coordenadora)  
Cleomildo Pereira Moreira (Jatuarana)  
Edilson Finzes de Souza (Santa Eva)  
Edmar Pereira Moreira (Jatuarana)  
João Wilson Ferreira da Silva (Democracia)  
Keila Ferreira Marques (Terra Preta do Ramal 464)  
Maria de Fátima Araújo de Vasconcelos (Pandegal)  
Rone da Silva Guimarães (Democracia)  
Valter Soares Cavalcante (Terra Preta do Ramal 464)

#### **Levantamento de GPS**

Keila Ferreira Marques  
Raimundo Antônio Reis Pereira  
Raimundo Nonato dos Santos Ferreira

#### **Fotografias e Filmagens**

Ana Paulina Aguiar Soares  
M. Cristiane Guimarães Ferreira  
Raimundo Lúcio Ferreira da Silva  
Rita Auxiliadora G. Ferreira

#### **Cartografia**

Luís Augusto Pereira Lima (NCSA-CESTU/UEA)

#### **Projeto gráfico e editoração**

Ernandes Fernandes / DESIGN CASA 8

**Lista dos participantes da Oficina de Mapas  
realizada em Democracia, Manicoré/ Amazonas  
nos dias 11 e 12/12/2009**

#### **Democracia**

**Alfredo Rodrigues Ferreira (Bado); Braulino  
Marques da Silva; Cristiane A. Maia Ferreira  
Júlio Cesar da Silva Guimarães; João Wilson  
Ferreira da Silva; Manoel Marques da Silva  
(Bite); M. Raimunda P. dos Santos (Rotinha);  
Raimundo Lúcio Ferreira da Silva; Rone da Silva  
Guimarães; Sandra Maria Cunha Mendes;  
Seila Maria Ferreira Freitas**

#### **JATUARANA**

**Clenilton Pereira Moreira; Edmar Pereira de  
Souza; Márcio Leno Souza da Costa; R. Antônio  
Reis Pereira (Preto); Raimundo N. dos Santos  
(Neto)**

#### **PANDEGAL**

**Aldemir A. de Vasconcelos (Gato); Maria de  
Fátima A. Vasconcelos; Noême Cerquinho  
Barbosa**

#### **SANTA EVA**

**Benedito Trajano Dias; Edilson Finzes de Souza  
(Padilha); Marlene Rodrigues Meireles; Maria de  
Fátima Trindade; Raimunda Rodrigues de Jesus**

#### **TERRA PRETA DO RAMAL 464**

**Ivanilde Alves de Lima; Keila Ferreira Marques;  
Raimundo Salvino da C. Barbosa; Valter Soares  
Cavalcante**

---

N935 Nova Cartografia Social da Amazônia: comunidades tradicionais de Democracia, Jatuarana Pandegal, Santa Eva e Terra Preta do Ramal 464 – histórias de lutas e conquistas, Manicoré - AM / Alfredo Wagner Berno de Almeida (Coord.) ; autores, Ana Paulina de Aguiar Soares, Maria Jacilene Bentes de Oliveira. – Manaus : Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010.

12 p. : il. ; 25 cm. – (Movimentos Sociais Identidade Coletiva e Conflitos; 35).  
ISBN 978-85-7883-145-5

1. Comunidades Tradicionais – História de lutas e conquistas I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Soares, Ana Paulina de Aguiar. III. Oliveira, Maria Jacilene Bentes de. VI. Série.

CDU 301.185.2 (811.3)

---

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária Rosenira Izabel de Oliveira CRB 11/529

## Quem somos nós?

Somos famílias tradicionais extrativistas que extraímos das florestas produtos naturais dos quais transformamos em fonte de sustento e renda para nossas famílias. Raimundo Lúcio

Me sinto um caboclo amazonense, sou extrativista, também sou agricultor e me considero também como um ribeirinho das margens do Rio Madeira. Eu me sinto essa pessoa e com muito orgulho, porque eu sou filho de agricultor e extrativista. E onde quer que eu esteja é assim que eu me considero. Edmar

Já trabalhei muito, desde a idade de dez anos trabalhei na roça e na agricultura, esse foi o caminho da escola que papai deu pra nós. Sou uma ribeirinha, por que moro na beira do Madeira. Noême

Sou agricultor com muito orgulho, mas me sinto ribeirinho porque mesmo morando na terra firme a gente depende dos frutos que vêm lá da várzea. Neto

Uma coisa importante nas nossas comunidades é a nossa forma de trabalho. Nós fazemos nossos roçados, mas com conscientização para desmatar somente o que precisamos. Porque mais vale uma floresta em pé do que várias árvores desmatadas. Também trabalhamos muito para defender o meio ambiente. Keila

Nós, habitantes das comunidades de Pandegal, Vista Alegre, Santa Eva, Terra Preta do Ramal 464, Jatuarana e Democracia, somos agricultores e extrativistas que há décadas vivemos unidos pela religião, esporte e principalmente pela nossa organização comunitária em associações. Desde o início da formação de nossas comunidades trabalhamos com agricultura familiar, principalmente a farinha de mandioca, banana, melancia, milho, feijão etc, porém nosso maior potencial é o extrativismo da castanha do Brasil, tucumã, açaí e óleo de copaíba. João Wilson

## Por que o fascículo?

Construir esse fascículo com certeza irá engrandecer em muito os agricultores, os extrativistas e os estudantes que formam as populações tradicionais aqui do Pólo de Democracia, uma vez que tornará público um pouco da história de lutas, suas conquistas na área social, na educação, na saúde para todas as gerações futuras. E ainda terá uma grande importância na vida das populações uma vez que apresentam as suas propostas de melhorias. Além disso, todo o Brasil e, quem sabe, pessoas de países estrangeiros estarão conhecendo um pouco da história dessas comunidades que constituem uma parte dessa imensa floresta amazônica. João Wilson

Nós estamos aqui buscando resgatar a história de um povo. Até mesmo nós perguntamos às vezes pros nossos pais e eles não conseguem ainda decifrar o porquê. Por exemplo, porque Democracia? Quantos acontecimentos já passaram aqui. Sabemos que ela foi comunidade de canaviais e teve sua própria fábrica de cachaça. Ela teve a história da borracha..." Raimundo Lúcio



*Depois da coleta, Bite deposita ouríços de castanha no girau*



*Castanheira (Castanha do Brasil)*



*Castanhas do Brasil retiradas do ouríço, ainda com a casca*

# Nossa história de lutas

## Democracia

A nossa história do passado começou assim: a nossa Democracia é uma das comunidades mais antigas do Município de Manicoré. Surgiu na época dos patrões. A nossa história de populações tradicionais começa a partir da década de 1920 com a chegada de imigrantes para trabalhar nos seringais que aqui eram muito numerosos. Posteriormente surgiu o extrativismo da castanha-do-Brasil (na época chamada castanha-do-Pará), do pau-rosa, sorva e massaranduba, na terra-firme. E na várzea, madeira como samaúma, virola, miratinga, copaíba, seringa e juta. E todas as produções eram entregues ao patrão, proprietário da terra. Esse patrão tinha o controle total sobre todos os moradores que aqui habitavam. João Wilson

A nossa Democracia aqui, era um campo muito lindo, era tudo gramado, um goiabal todo limpo por baixo. Nossa comunidade foi uma comunidade muito grande. Lá de onde morava o compadre Djalma até a casa do finado compadre Manoel de Souza, era um povoado de casa só. Dos antigos mesmo, dos mais velhos, ficou eu, meu irmão Braulino, o compadre Bado, Sabazinho, Sebastião Rongó e o compadre Estateu. Manoel e Bite

A primeira igreja criada aqui em nossa comunidade foi em 1947. Ela foi coberta de palha e cercada de tábua. Não existia nas outras comunidades, só aqui e em Jatuarana. Muita gente vinha visitar, vinha em tempo de festa. Bite

As nossas brincadeiras que tinham aqui, a nossa diversão naquele tempo, em 1951, 52, a gente brincava carnaval e boi. Era Corre Campo o nome do boi. Eu brincava de Cazumbá, eu era o Cazumbá no Boi. Braulino

O nosso primeiro dono, quando comecei a conhecer, o proprietário da terra era o seu Aristides do Rosário. Foi o nosso primeiro patrão. E na época era movimentado conforme o período de trabalho. Raimundo Lúcio

Na terra firme, de janeiro a maio trabalhava na castanha. Na várzea, de janeiro a abril: juta e de maio a dezembro, seringa. Enquanto isso as mulheres trabalhavam na roça, no plantio e na colheita do feijão... Bado, Bite e Braulino

O Aristides era um patrão que no tempo que era festa do Sagrado, todo freguês dele passava com dinheiro. Ele dava tinta pra pintar a casa toda. Matava um boi e distribuía com os fregueses. Alfredo e Bado

Na parte da educação, na época do seu Aristides ela funcionava nas próprias casas. Uma das maiores relíquias que a gente tem aqui, é a casa do tio Estateu, até hoje lá na sala dele tem um maletão, "desse tamanho!" que era onde a gente sentava pra fazer as primeiras letras. Raimundo Lúcio

Foi o tempo que eles venderam o lugar pro Doutor Galdino, aí a coisa modificou. Depois ele vendeu pro Antônio Duarte. Bite

Na época do Antônio Duarte, a nossa comunidade que no momento só existe na terra firme, mas do outro lado do rio que é baixo, existiam algumas famílias que também faziam parte de Democracia. Júlio

É bom lembrar que também no tempo dos patrões a produção da casta-



*Castanha embaladas à vácuo pela COVEMA*



*Castanhas descascadas*



*Apresentação dos desenhos de Pandegal*



*Apresentação dos desenhos de Democracia*

nha era entregue e trocada por mercadoria. Meu pai também conta que ia pro castanhal, trazia a produção, ia pro paiol, pro acerto de contas e, às vezes, ainda ficava era com débito. Rone

Pra vocês verem como a coisa mudou. A gente vendia 6 latas de castanha que era uma barrica, por um só preço. 6 latas de castanha! Hoje em dia a gente vende uma lata ao preço de uma só. Bite

Depois, o Antônio Duarte vendeu pra Gethal. Então mudou completamente a forma do extrativismo. E aí foi que a gente começou a briga. Como se organizar, como fazer o coletivo. Raimundo Lúcio

Apesar de Democracia não ser uma terra que a gente seja dono efetivamente. É uma comunidade privada porque é só de um dono. Ele só vendeu a parte principal que interessaria para a Gethal que é a das madeiras. Raimundo Lúcio

Antigamente existia maior número de tucumzeiro. Depois que a Gethal fez um pátio, ela derrubou muito tucumzeiro e a gente perdeu muito com isso. Rone

## **Jatuarana**

O primeiro morador da comunidade Jatuarana morava na boca do igarapé chamado Tabocal. Segundo os mais idosos, o nome dessa pessoa era Ismael. Quando os primeiros moradores chegaram, ele não era assim um lago grande como hoje, ele tinha poços. Como a água é muito limpa e a gente tem muita facilidade de ver o fundo, eles viam que naqueles poços tinha muitos peixes jatuarana, que dava pra perceber de cima da água. E aí colocaram o nome de Lago da Jatuarana. Edmar

Na entrada da comunidade, da margem do Madeira até o Braço, no começo do Lago, muitos anos atrás existia uma fazenda, era a fazenda Aimoré, que se pode comprovar no mapa dos anos 70. Era a fazenda do Zeca do Rosário, que foi um dos primeiros patrões que os nossos antigos tiveram. Mas aqui nessa fazenda, aqui na Aimoré, tinha uma vila de umas oito a dez casas. Essas casas eram feitas com muito cuidado e tinha um trapiche que ligava da primeira à última casa. No decorrer do tempo, sempre que dava as enchentes grandes, a água cobria a várzea, foi sumindo o trapiche e muitas casas caíram. Das casas antigas só resta uma. Edmar

Do outro lado do Lago Jatuarana, passando o igarapé Paraíso, era também uma fazenda de gado muito grande, que fazia limite aqui com o Tabocal. Mudou de dono mas até hoje é uma grande propriedade privada. Edmar

Há mais de 15 anos a comunidade ocupava os dois lados do Jatuarana. Foi quando um pretenso proprietário resolveu expulsar essas pessoas dizendo que toda área do lado esquerdo era dele. Então o que aconteceu? Muitas dessas pessoas vieram morar do lado direito e muitas outras migraram pra cidade por não ter mais onde morar. Ele expulsou sem piedade nenhuma. Apenas um morador muito antigo teve privilégio de ficar e continua morando nessa área. Então é por isso que



*Representantes de Santa Eva, desenhando*



*Apresentação dos desenhos de Jatuarana*



*Votação do título do fascículo*



*Apresentação dos desenhos de Terra Preta do Ramal 464*

## Desafios

A nossa organização hoje, de todas comunidades, fez que a gente saísse da mão dos patrões. Hoje nós vivemos bem melhor do que no passado. Apesar de ainda termos essa dependência de morar e de trabalhar em terras que não são nossas, a gente tem mais autonomia. Agora, a gente aprendeu a conhecer os nossos direitos. **Edmar**

O paiol é uma conquista muito importante, porque a gente saiu da mão do atravessador e se tornou até patrão, porque hoje, quem dá o preço pro nosso produto, somos nós. Antes era trocado com açúcar, café, essa castanha. A organização das comunidades fez com que isso mudasse. E além desse paiol tem a questão das boas práticas para um produto de qualidade. Mas tudo isso só existe porque a gente se uniu nas associações e construiu a COVEMA que é a Cooperativa Verde de Manicoré. Apesar daqueles que ainda duvidam da sua importância, a gente tem que fazer tudo pra manter viva essa organização. **Edmar** – Presidente da Central das Associações de Democracia - CAAD

### **Central das Associações Agroextrativistas de Democracia – CAAD**

Presidente **Edmar Pereira de Souza**

### **Associação dos Moradores Agroextrativistas de Democracia – AMOAD**

Presidente **R. Lúcio Ferreira da Silva**

Secretária **Cristiane Auxiliadora Maia**

### **Associação Agroextrativista dos Moradores da Comunidade de Jatuarana – AMORANA**

Presidente **Edmar Pereira de Souza**

Vice-Presidente **Cleomildo P. Moreira**

### **Associação Agroextrativista de Pandegal**

Presidente **Aldemir Araújo Vasconcelos**

Vice-Presidente **Grijalvo Barbosa Neto**

### **Associação Agroextrativista de Santa Eva**

Presidente **Abelô Finzes de Jesus**

Vice-Presidente **Edilson Finzes de Souza**

### **Associação dos Moradores Agroextrativistas de Terra Preta do Ramal 464**

Presidente **Valter Soares Cavalcante**

Secretária **Keila Ferreira Marques**

### **CONTATOS**

#### **CAAD – Edmar Pereira de Souza**

Trav. D. Pedro I 708 Mazarelo

69280-000 Manicoré AM

telefone 97. 3385-2049

#### **CAAD / COVEMA**

Rua Elpidio Ávila Lins 193 São D. Sávio

69280-000 Manicoré AM

covemamanicore@hotmail.com

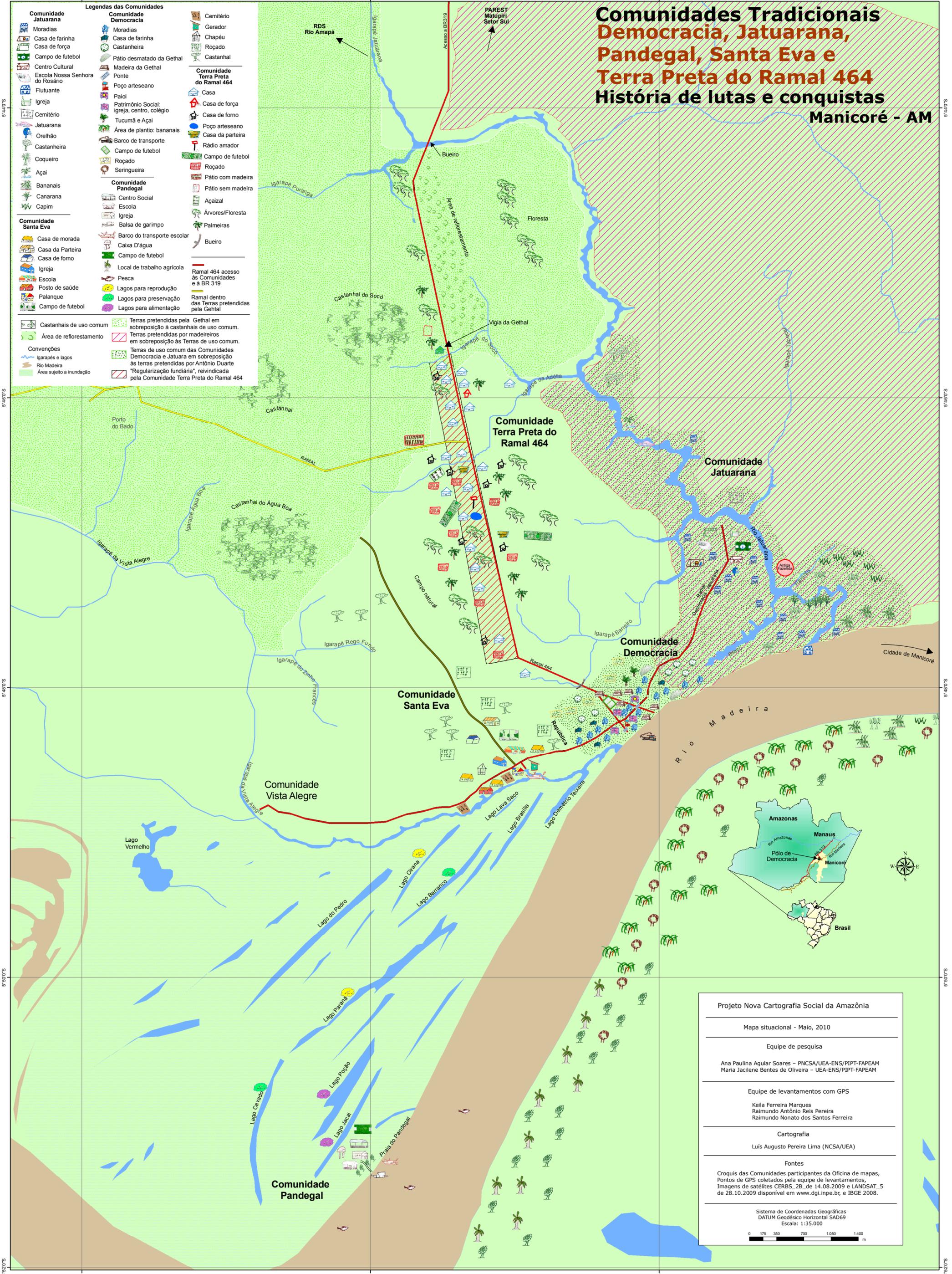
telefone 97. 3385-2293

telefones comunitários

97. 3385-2292 Jatuarana, Manicoré AM

97. 3385-1149 Democracia, Manicoré AM

# Comunidades Tradicionais Democracia, Jatuarana, Pandegal, Santa Eva e Terra Preta do Ramal 464 História de lutas e conquistas Manicoré - AM



61°30'0"W 61°28'0"W 61°26'0"W

5°44'0"S 5°42'0"S 5°40'0"S 5°38'0"S 5°36'0"S 5°34'0"S 5°32'0"S

- Legendas das Comunidades**
- Comunidade Jatuarana**
    - Moradias
    - Casa de farinha
    - Casa de força
    - Campo de futebol
    - Centro Cultural
    - Escola Nossa Senhora do Rosário
    - Flutuante
    - Igreja
    - Cemitério
    - Jatuarana
    - Orelhão
    - Castanheira
    - Coqueiro
    - Açaí
    - Bananais
    - Canarana
    - Capim
  - Comunidade Santa Eva**
    - Casa de morada
    - Casa da Parreira
    - Casa de forno
    - Igreja
    - Escola
    - Posto de saúde
    - Palanque
    - Campo de futebol
  - Comunidade Democracia**
    - Moradias
    - Casa de farinha
    - Castanheira
    - Pátio desmatado da Gethal
    - Madeira da Gethal
    - Ponte
    - Poço artesiano
    - Paíol
    - Patrimônio Social: igreja, centro, colégio
    - Tucumã e Açaí
    - Área de plantio: bananais
    - Barco de transporte
    - Campo de futebol
    - Roçado
    - Seringueira
  - Comunidade Terra Preta do Ramal 464**
    - Cemitério
    - Gerador
    - Chapéu
    - Roçado
    - Castanhal
    - Casa
    - Casa de força
    - Casa de forno
    - Poço artesiano
    - Casa da parreira
    - Rádio amador
    - Campo de futebol
    - Roçado
    - Pátio com madeira
    - Pátio sem madeira
    - Açaizal
    - Árvores/Floresta
    - Palmeiras
    - Bueiro
  - Comunidade Pandegal**
    - Centro Social
    - Escola
    - Igreja
    - Balsa de garimpo
    - Barco do transporte escolar
    - Caixa D'água
    - Campo de futebol
    - Local de trabalho agrícola
    - Pesca
    - Lagos para reprodução
    - Lagos para preservação
    - Lagos para alimentação

- Castanhais de uso comum
- Área de reforestamento
- Convenções
- Igarapés e lagos
- Rio Madeira
- Área sujeito a inundação
- Terras pretendidas pela Gethal em sobreposição à castanhais de uso comum.
- Terras pretendidas por madeiros em sobreposição às Terras de uso comum.
- Terras de uso comum das Comunidades Democracia e Jatuarana em sobreposição às terras pretendidas por Antônio Duarte
- "Regularização fundiária", reivindicada pela Comunidade Terra Preta do Ramal 464
- Ramal 464 acesso às Comunidades e à BR 319
- Ramal dentro das Terras pretendidas pela Gethal

**Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia**

Mapa situacional - Maio, 2010

Equipe de pesquisa

Ana Paulina Aguiar Soares - PNCSA/UEA-ENS/PIPT-FAPEAM  
 Maria Jacilene Bentes de Oliveira - UEA-ENS/PIPT-FAPEAM

Equipe de levantamentos com GPS

Kella Ferreira Marques  
 Raimundo Antônio Reis Pereira  
 Raimundo Nonato dos Santos Ferreira

Cartografia

Luís Augusto Pereira Lima (NCSA/UEA)

Fontes

Croquis das Comunidades participantes da Oficina de mapas,  
 Pontos de GPS coletados pela equipe de levantamentos,  
 Imagens de satélites CERBS\_2B de 14.08.2009 e LANDSAT\_5  
 de 28.10.2009 disponível em www.dgi.inpe.br, e IBGE 2008.

Sistema de Coordenadas Geográficas  
 DATUM Geodésico Horizontal SAD69  
 Escala: 1:35.000

0 175 350 700 1050 1400 m

## Reivindicações

- Construção de um centro comunitário com alojamento na sede do Pólo de Democracia;
- Apoio público para educação em todas as escolas das comunidades;
- Garantia de transporte escolar durante o ano todo (enchente e vazante);
- Construção de alojamento para os professores nas comunidades;
- Recuperação das viciniais de Jatuarana, Vista Alegre e Terra Preta do Ramal;
- Construção de poços artesianos nas comunidades de Pandegal e Santa Eva;
- Recuperação dos poços artesianos de Terra Preta e de Jatuarana;
- Recuperação da rede elétrica de Democracia, Pandegal, Santa Eva e Terra Preta do Ramal;
- Energia elétrica 24 horas em todas as comunidades;
- Construção de um posto de saúde na sede do Pólo de Democracia;
- Instalação de telefones públicos nas comunidades de Terra Preta do Ramal, Pandegal e Santa Eva;
- Promover cursos de desenho, pintura, artesanato e extrativismo;
- Apoio técnico aos produtores;
- Apoio para o escoamento da produção;
- Regularização fundiária das terras da comunidade de Terra Preta do Ramal (AM 464); e
- Reivindicamos o direito de propriedade das terras das áreas de habitação e de trabalho das comunidades de Democracia e de Jatuarana

a nossa comunidade é praticamente composta só de um lado do rio. Edmar

Aonde eram essas fazenda, agora é área de roçado. Coisa de dez anos atrás, a gente foi proibido de plantar roça. Foi preciso arrendar um terreno, pagando um arrendamento muito alto: 30% de toda a produção da banana. No extrativismo, até 2008, a gente pagava pro dono da terra 25% do valor que a gente recebia da venda da castanha. Foi quando nós nos recusamos a continuar pagando, pois ele já estava exigindo o pagamento de 30%. Edmar

Apesar da gente não depender mais do patrão, a maior parte das terras aonde a gente mora e trabalha são de grandes proprietários. Edmar

O igarapé do Tabocal permitia transporte no inverno e no verão. Mas em consequência do avanço de algumas madeiras que desmataram as margens, ele secou totalmente. A gente agora só transporta nele até certa parte. Edmar

## **Pandegal**

A gente mora escondido aqui. Por que antigamente, logo que a gente começou morar, o Madeira passava na frente. A gente descia e já pisava na praia. Com o decorrer do tempo, cresceu uma ilha e cada ano que passa ela está enlarguendo. Na nossa comunidade, são poucas famílias, mas a gente se sente orgulhoso de morar nela. É por que tem muita gente que diz que não troca sua várzea pela terra firme. A gente mora lá e tem muito orgulho. Aldemir

Esse é o nosso Rio Madeira. Do outro lado, na várzea, na frente da comunidade, é uma área onde não só a comunidade Pandegal, mas de Terra Preta do Ramal e Vista Alegre, eles trabalham. É onde o pessoal planta banana, melancia, roça, milho e outros que fazem criação de porco. Aldemir

A gente tem bastante lagos, a maioria fica no Pandegal e na Vista Alegre. Antes era difícil a gente ver um pirarucu. Eu lembro que quando eu estava com dez anos, a gente ainda via pirarucu. Aí nós mesmo começamos a acabar. Se continuasse daquele jeito, no futuro não ia mais ter pirarucu. Aí disseram que ia ter que fazer um lago como reserva, mas que a gente não ia conseguir, por que tinha muitos que queriam e muitos que não queriam. Disseram que nós só ia ter encrenca, porque o lago não era só nosso, não era só do Pandegal. Primeiro nós fizemos uma reunião na Vista Alegre, muitos quiseram e a maioria não quis. O pessoal matava pirarucu de filho, e quando estavam desovando eles matavam do mesmo jeito. Mas aos poucos fomos conseguindo. Dois anos atrás, fizemos outra reunião, o pessoal viu que o negócio assim ia funcionar mesmo. Passou a valer. Hoje em dia a gente já tem bastante pirarucu nesses lagos. Aldemir

Não é justo que uns preservem e outros não. Por que se a gente não cuidar, não vamos mais ter esses peixes. É o caso do peixe boi. O meu pai já viu muito um peixe boi, porque no lugar que ele morava tinha muitos. Eles tinham um lago de fatura. Hoje em dia não tem mais, porque eles mesmos foram destruindo. Aldemir

## **Santa Eva**

É assim um povo muito guerreiro, batalhador e continua até hoje. Esse pessoal não deixou apagar, nem sumir o que foi construído com o próprio suor, as próprias mãos e com seu próprios méritos. Raimundo Lúcio

Na comunidade Santa Eva, a gente criou até uma polêmica com o padre José, que era o pároco. Por que Santa Eva? Se Eva não era santa, era uma pecadora? Ele conhecia bem da religião, mas a gente insistiu. Ele queria que a gente trocasse o nome. Aí, por protesto ele mandou a Regina desenhar uma Eva nua, com uma cobra enrolada e com uma maçã na mão, e colocar lá na divisa da comunidade. Só depois de dois anos ele pediu desculpas da comunidade, achou que ele estava errado. Eu combatia dizendo que se Eva não se tornou santa, mas ela foi a primeira mulher do mundo e, com certeza, ela contribuiu para que a humanidade continuasse. Só assim ele concordou com a gente. Raimundo Lúcio



**Desenho de Democracia**



**Desenho de Santa Eva**



**Desenho de Jatuarana**



**Desenhos de Terra Preta do Ramal 464**



**Desenho de Pandegal**



Santa Eva é o nome do lugar por que uma mulher que morava lá, a mãe Antônia (a gente sempre conheceu como mãe, por que ela foi uma das maiores parteiras que teve, mesmo sem enxergar), ela deu o nome de um filho Adão, e para a filha, Eva, que é mãe do Edilson. Em homenagem a ela, deram esse nome para o lugar. Raimundo Lúcio

Em Santa Eva a terra é particular, hoje é terra de herdeiros da dona Antônia Finzes. Ela se tornou uma pessoa muito querida por todas as comunidades. Não só ela, mas seu João Vieira e seu Valde-mar eram rezadores, faziam remédios. Ela era uma das melhores parteiras. As pessoas hoje sentem uma certa falta, por que lá sempre existiu isso, tinham essas pessoas que cuidavam com erva do mato e dava certo. Raimundo Lúcio

Tinha a festa de Santo Antônio muito antiga. Eu ainda era criança. Era sempre muito bonita, muita gente, comida, dança e muitos fogos. Noême

E os foliões de São Benedito. Tinham uma banda de som que eles saíam pelo interior nas comunidades fazendo aquela ladainha. Era muito bonito. Foram uma vez lá no Jatuarana. Tinha um tambor e outros instrumentos que eles usavam e aquilo era bem animado. As pessoas gostavam. Edmar e Noême

Lá dentro tem vários lagos, tem o Brasília, o Teixeira, o Demétrio e o Lava Saco. É onde a gente pesca. No verão uns invasores estão entrando, fazendo batção e matando pirarucu pequeno. Por isso precisamos fazer um acordo de pesca. Edilson, Padilha

## **Terra Preta do Ramal 464**

A comunidade de Terra Preta do Ramal começou depois da construção do ramal que liga a estrada BR319 à comunidade de Democracia (AM-464). Em 1983, ela começou a ser povoada por famílias que emigraram de outras comunidades. A gente veio da comunidade de Vista Alegre e os pais do Raimundo Salvino e outras famílias vieram da várzea do Rio Madeira, acima do Pandegal. Tinha gente que morava até na beira da BR. Mas aí foi o tempo que fechou o tráfego na BR319, aí o pessoal adoecia porque adoecia... foi, foi, foi. Desses existem poucos que continuaram. Muitas famílias foram morar na cidade. Muitos moradores que fizeram parte da fundação dessa comunidade, alguns ainda estão vivos: seu Mair Caldeira mora em Manaus, seu Izeil está em Presidente Figueiredo. Nessa época a comunidade ela era bastante unida. Valter.

O nome da Terra Preta é porque toda essa área é de terra preta mesmo. Tem uma profundidade de quatro metros de terra preta, aí já dá na areia. Salvino

Temos as casas principais da comunidade, não querendo diminuir as outras, mas é onde moram as parteiras, dona Maria da Glória, conhecida por Maria Boneca, a Maria Joana e a Dona Maria Félix. Na hora do perigo são elas que quebram nosso galho, são elas que estão lá. Keila

Nas áreas de roçado e atrás do Igarapé da Adélia, tem um plantio de açaí que papai fez, tinha quase dois hectares de açaí. Por falta de conscientização, o pessoal foi fazendo roçado bem próximo, bem quase no aceiro tocaram fogo e morreu uma parte, mas ainda tem. Tem o ramal da Gethal, um dos pátios, tem vários outros que não aparecem no desenho, mas ainda tem bastante madeira. Tem um pátio grande com muita madeira dura, é negócio de cumaru, maçaranduba e itaúba. Tem um pátio que só tem uma clareira e do outro lado é área do reflorestamento que eles fizeram. Valter

Por trás, é tudo da Gethal, que vai pro lado do Palhal tem um talhão reto, até o Socó. Nessa área toda, nenhuma delas tem título definitivo. As pessoas se desenvolvem por que moram na área, mas na verdade não tem documento. Só de um lado. Do outro lado que eu tenha conhecimento, só quem tem título são as terras da Gethal. Valter

## **História de Lutas e Conquistas**

### **Democracia**

O paiol é uma conquista pra que a gente possa manejar a castanha de uma forma legal, pra que possa ser uma castanha de qualidade. Tem um paioleiro e é ele quem faz todo esse trabalho de como cuidar a castanha para que ela possa ficar num estado bom ao sair daqui. Quando ela sai daqui ela já tem o endereço certo que é na COVEMA em Manicoré). O paioleiro faz o controle da entrada e saída e do movimento financeiro. É bom lembrar que as pessoas que entregam castanha nesse paiol tem que ser sócio da Associação. E pra ser sócio, tem que fazer o manejo. Rone e Raimundo Lúcio

### **Jatuarana**

A igreja era pequena, nós aumentamos e fizemos um chapéu de palha que foi a primeira sede social que teve na comunidade. E é nas terras da igreja que estão construídas a escola, o centro comunitário, a casa de força e o telefone. Edmar

Na margem esquerda do Rio Madeira, próximo da entrada do igarapé do Jatuarana, temos o flutuante. Esse flutuante foi uma conquista muito grande a qual há muitos anos a gente vinha batalhando e não conseguia. Foi no ano de 2008 que a gente conseguiu comprar e hoje ele serve de depósito pra todos os produtores da comunidade. E também fica à disposição dos moradores das outras. Esse flutuante é de responsabilidade da comunidade, é dos moradores da Associação Agroextrativista da Comunidade do Lago de Jatuarana. É uma das conquistas talvez que a gente mais usufruiu. Emar

## **Pandegal**

Isso é uma balsa de garimpo. Por que a gente vive mais do trabalho do garimpo, que é chamado extrativismo mineral. No Pandegal só tem duas famílias que não dependem do garimpo pra sobreviver, elas dependem da banana. Mas a maioria vive disso. Nós antigamente éramos vistos como bandidos, não como cidadãos. A gente era ameaçado pela polícia. Você trabalhava dia e noite, estava numa balsa, eles chegavam, botavam arma na sua cabeça, você não podia fazer nada. Levavam tudo! Levavam sua máquina e deixavam você com a roupa do corpo. É triste, mas era assim. Só não levavam, quando a gente jogava as máquinas na água. Hoje em dia não, nós já somos vistos como uma sociedade, porque nós temos uma cooperativa. Hoje, cada um tem direito de trabalhar, tem sua balsa legalizada. Cada garimpeiro que trabalha tem sua carteira e não precisa mais se esconder. E isso foi uma conquista que nós lutamos anos e anos pra conseguir. Aldemir

Hoje, a gente trabalha fazendo um tratamento, porque antigamente o azougue, o mercúrio era jogado no rio. Quando a gente termina de limpar o ouro, guarda o rejeito. Antigamente também o pessoal queimava ouro em cima da balsa e hoje em dia a gente é obrigado comprar o “cadinho”, e o mercúrio não fica no ar, a gente queima e ele volta pra uma vasilha. Os garimpeiros poluíam também o rio com muita sujeira, agora cada balsa possui uma lixeira, por que o presidente da nossa cooperativa de Manicoré tem um barco e final mês ele passa pegando e leva para o depósito que fica na cidade, pra gente não poluir o Madeira. Mas às vezes, a culpa recai pra cima dos garimpeiros porque a gente era mal visto. Os recreios é que sujam mais do que a gente. Aldemir

## **Santa Eva**

A construção da capela é uma conquista importante porque nela todos os moradores se reúnem às terças-feiras e domingos para rezar e para discutir as coisas importantes da comunidade. Edilson e Padilha

## **Terra Preta do Ramal 464**

A gente teve muitas conquistas, mas com muitas dificuldades. Hoje a comunidade tem um centro social, um colégio e um posto de saúde que na verdade ele nunca funcionou. Hoje nós temos um rádio transmissor que uma ONG instalou. O único privilégio que nós temos na comunidade é esse rádio. Salvino e Valter

Sempre lutamos pelas causas sociais e por vida digna para todos como: moradia, educação, saúde, saneamento básico, transporte, pelo meio ambiente e pela preservação da floresta. Porém uma dificuldade que encontramos é a falta de mais pessoas empenhadas por estas causas. Keila

Uma dificuldade é a falta da regularização fundiária das terras em que moramos e trabalhamos na comunidade. E atualmente estamos sendo pressionados para nos naturalizarmos como indígenas senão vamos ter que sair das nossas terras. Valter

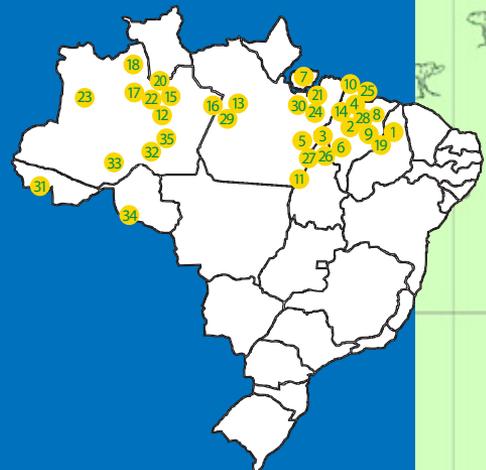
Nossas conquistas: em 2001 nos organizamos na Associação dos Moradores. Motivos: ameaça que a empresa Gethal apresentava para as famílias desta comunidade e para as demais vizinhas. Com isso os moradores das 10 comunidades se uniram, fizeram uma audiência pública e aprovaram o pedido de uma reserva. Em 2005, o governador assinou o Decreto criando a Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Amapá (RDS) e veio entregar pessoalmente na sede do Pólo de Democracia, onde estiveram presentes os moradores das 10 comunidades. A partir daí passamos a ter direito aos Programas Bolsa Floresta, Bolsa Renda, Bolsa Associação e Bolsa Social. Valter

# Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

## Série: Movimentos Sociais, Identidade

### Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açu, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das peconheiras e peconheiros da ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará
- 22 Ribeirinhos e agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru, Amazonas
- 23 Movimentos ribeirinhos e indígenas em defesa dos lagos e da vida do setor 01 Caité – Tonantins, Amazonas
- 24 Povos do Aproaga – São Domingos do Capim
- 25 Luta dos quilombolas pelo título definitivo – Oficinas de Consulta – Alcântara – MA
- 26 Trabalhadores agroextrativistas da reserva extrativista de Ciriaco – Realidades e desafios
- 27 A luta das quebradeiras de coco babaçu contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio
- 28 Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contras as carvoarias – Médio Mearim, Maranhão
- 29 Uso de recursos naturais em comunidades quilombolas de Santarém – Pará
- 30 Ribeirinhos e ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural – Pará
- 31 Kuntanawa do Alto Rio Tejo – Alto Juruá, Acre
- 32 Ribeirinhos, extrativistas e agricultores da Associação das Comunidades do Lago do Antonio – Humaitá, AM
- 33 Comunidades extrativistas da Resex Ituxi – Lábrea, AM
- 34 Quilombolas de Santa Fé – Costa Marques, RO
- 35 Comunidades Tradicionais de Democracia, Jatuarana, Pandegal, Santa Eva e Terra Preta do Ramal 464 – Manicoré, AM



#### REALIZAÇÃO

Central das Associações  
Agroextrativistas  
de Democracia – CAAD

Associação dos Moradores  
Agroextrativistas  
de Democracia - AMOAD

Associação Agroextravista dos  
Moradores da Comunidade de  
Jatuarana - AMORANA

Associação Agroextrativista de  
Pandegal

Associação Agroextrativista  
de Santa Eva

Associação dos Moradores  
Agroextrativistas de Terra Preta  
do Ramal 464

#### APOIO



Centre de Recherche et de Documentation sur l'Éthnologie Latine  
UMR 7237 - Université Paris 3 Sorbonne Nouvelle / CNRS

Escola Normal Superior – ENS/UEA

Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus  
Polo de Democracia – Manicoré – AM